

Fim da era do gerenciamento

Ao reconhecer implicitamente que seus empréstimos aos países menos desenvolvidos não valem 100 centavos por dólar, a decisão do Citicorp de aumentar suas reservas em US\$ 3 bilhões para precaver-se contra perdas na sua carteira de empréstimos internacionais marca o fim de uma era no gerenciamento da crise da dívida, disseram analistas e banqueiros citados pela agência Reuters.

Entre as incontáveis consequências, a decisão do Citicorp poderia tornar ainda mais difícil para os devedores obter novos empréstimos bancários, aumentar a pressão sobre os competidores do Citicorp para fortalecer seus próprios balancetes contra bases de receitas muito debilitadas, enquanto o mercado secundário para dívidas dos países em desenvolvimento deve receber um maciço impulso.

O aumento nas reservas para US\$ 5 bilhões significará uma perda de US\$ 2,5 bilhões no trimestre — o maior na história bancária norte-americana e o primeiro do Citicorp desde a grande depressão.

EMPECILHO RESOLVIDO

Contudo, os analistas de reservas bancárias disseram que os investidores deveriam reagir positivamente assim que o choque for absorvido, porque a ação remove um empecilho importante sobre as receitas.

"Eles estão colocando-se numa posição de vanguarda e chamando a atenção do investidor para negócios essenciais que estão crescendo satisfatoriamente", disse Ronald Mandel, da Painewebber Inc.

Robert Albertson, da Smith Barney Inc., expressou uma posição coinciden-

te, ressaltando que "esta é a coisa correta a ser feita".

O "chairman" do Citicorp, John Reed, disse que, ao reservar 25% dos débitos com governos de países em desenvolvimento, o banco terá melhores condições de fazer face às rápidas mutações no sistema bancário global.

"Em anos futuros, a começar com 1988, as receitas reportadas pelo Citicorp deverão crescer vigorosamente como resultado de três fatores — a força essencial de nossos negócios de base, o fato de que não estaremos acumulando nossa reserva corporativa e o impacto fiscal favorável de sua decisão, que será sentido durante os próximos oito trimestres", disse Reed numa declaração.

Reed ressaltou que a decisão do Citicorp não constitui nenhum reflexo de mudança em sua posição básica no tocante aos débitos dos países em desenvolvimento.

ADMITIR A DERROTA

Mas a reação inicial de alguns banqueiros era de que o Citicorp estava admitindo uma derrota em sua batalha de cinco anos para provar que os empréstimos dos países em desenvolvimento vendidos no mercado com uma taxa de desconto de 30 a 40% poderia eventualmente através de estímulos a voltar ao par sem incorrer em prejuízos.

Funcionários do Citicorp insistiram em que o incremento das reservas de forma alguma exclui a concessão de novos empréstimos para países devedores, desde que tais países justifiquem seus pedidos com políticas econômicas saudáveis.

"Não considero que haja uma evidência empírica de que a ampliação de vossas

reservas afeta vosso comportamento", disse à agência Reuters o vice-"chairman" Thomas Teobald.

Contudo, banqueiros de outras instituições mostravam-se céticos, indagando por que o Citicorp quieria colocar dinheiro bom em negócio ruim.

"ÚLTIMO DOS NEGÓCIOS"

"Acredito que concluímos o último dos negócios com dinheiro novo", disse um banqueiro, questionando até mesmo se seria concluído o empréstimo de US\$ 1,95 bilhão negociado por um consórcio de bancos com a Argentina.

Reed disse que a decisão se seguiu a uma revisão de vários negócios, inclusive aqueles concluídos com o Chile, Venezuela, Filipinas e Argentina, e afirmou que seria difícil efetuar novos acordos dessa natureza.

Um banqueiro de Los Angeles sustentou que novos empréstimos deveriam ser efetivados em termos completamente diferentes para separá-los da dívida antiga em consequência da qual as reservas foram incrementadas.

Por seu turno, o Citicorp deixou claro que sua nova estratégia será acelerar a conversão da dívida em capital de risco.

Reed disse que o Citicorp negociará essas trocas avaliadas em bilhões de dólares nos próximos três anos que os banqueiros deveriam gerar uma elevação do comércio da dívida dos países em desenvolvimento dentro do mercado secundário.

Implicita no portfólio de reestruturação do Citicorp está a crença de que possa conseguir maiores retornos em capital de risco.

Mas alguns banqueiros questionam se o clima

político-econômico em algumas nações seria receptivo a um ingresso maciço de capital de risco.

RESPOSTAS AO CITICORP

Funcionários de outros bancos norte-americanos começaram imediatamente a preparar suas respostas à decisão do Citicorp, que num golpe só lhe deu uma das mais vigorosas reservas de crédito entre os bancos norte-americanos, que é o fundo destinado a cobrir prejuízos.

Por exemplo, a média de reservas do Citicorp aos empréstimos totais saltaram de 1,39 para 3,7%.

Em contraste, a J.P. Morgan and Co. Inc.'s, a única companhia holding bancária norte-americana com avaliação máxima da dívida AAA, tem uma média de cerca de 2,7% e a Security Pacific Corp's de 1,9%.

"Todos os demais terão de seguir os mesmos passos por questões competitivas", disse à agência britânica Reuters um banqueiro norte-americano.

A grande questão é como os bancos mais debilitados podem fazer face a um aumento nas reservas na magnitude do anunciado pelo Citicorp.

Os banqueiros mostraram-se particularmente preocupados no passado sobre os pesados riscos a que estavam expostos o Manufacturers Hanover Corp. e o BankAmerica Corp. perante os devedores com problemas financeiros.

Reed informou à agência Reuters que telefonou a alguns banqueiros para explicar a decisão tomada pelo Citicorp. Sob pressão dos jornalistas, ele informou que telefonou para o Manufacturers Hanover e para o Bank of America.